

P
400/800
A/2
ex 2

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CADERNOS DO I. L.
Nº 12
DEZEMBRO DE 1994

UFRGS
BIBLIOTECA SETORIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Contrapõem-se, assim, como propriedades do discurso presidencial, homogeneidade e heterogeneidade através da construção discursiva da determinação do discurso presidencial e do trabalho discursivo de indeterminação do discurso do outro. Tais propriedades encontram-se estreitamente imbricadas nesse discurso, delas resultando, no fluxo-refluxo que vai da determinação à indeterminação e desta para aquela, o efeito de homogeneidade imaginária que perpassa esse espaço discursivo.

Do imbricamento das propriedades acima expostas, resulta o funcionamento de um discurso autoritário que indetermina cuidadosamente as marcas de sua exterioridade constitutiva, simulando o efeito de palavra única. Produz-se desse modo o efeito de sentido de monologismo, característico do discurso autoritário ora em pauta.

A VELARIZAÇÃO E A VOCALIZAÇÃO DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA

Laura Rosane Quednau*

O presente trabalho visou a estudar o fenômeno da variação da lateral pós-vocálica em quatro comunidades sociolinguísticas diferenciadas do extremo sul do país. Este estudo processou-se sob a perspectiva de três teorias: conforme a Teoria da Variação; conforme a Teoria da Geometria dos Traços; conforme a Fonologia Lexical.

1. Conforme a Teoria da Variação

O fonema /l/, em posição pré-vocálica (como em *lado, sala, lua*), realiza-se como alveolar ([l]); em posição pós-vocálica, como velar ([ɫ]) ou vocalizado ([w]). É o que se chama *distribuição complementar*. Essa mudança $ɫ \sim w$ é considerada uma regra variável conforme os pressupostos da Teoria da Variação, pois é condicionada por variáveis linguísticas e extralinguísticas.

As variáveis que exercem um papel importante na regra foram classificadas pelo programa computacional utilizado nessa pesquisa na seguinte hierarquia descendente: *grupo étnico, acento, posição da lateral, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e sexo*. As variáveis *faixa etária* e *sândi* não foram selecionadas pelo programa por não serem relevantes na aplicação da regra em estudo.

Em relação à variável *grupo étnico*, a que mais se sobressai, os resultados estatísticos e probabilísticos comprovaram que os metropolitanos são os que mais aplicam a regra de vocalização da lateral pós-vocálica. Os fronteiriços vêm em segundo lugar, mas com valores muito baixos. São seguidos pelos italianos e alemães, com valores bastante próximos. Pode-se inferir, a partir da preferência dos metropolitanos pela vocalização da lateral pós-vocálica, que a regra em estudo é telescópica por iniciar na metrópole. Essa mudança $ɫ > w$ faz que estágios intermediários, como o [l^w] velar e labializado, desapareçam em

* Profa. do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

favor de formas extremas como o [w]. Em suma, para os metropolitanos, a regra já está em seu estágio final ([w]), enquanto, nas demais regiões, encontra-se ainda no estágio inicial ([ɰ]).

A outra variável extralingüística analisada foi *sexo*, que se revelou inexpressiva, mas mostrou alguma vantagem da mulher em relação à aplicação da regra.

Com referência às variáveis lingüísticas analisadas, os fatores que tendem a favorecer a aplicação da regra (resultados com valores acima de .50) são sílaba tônica e pré-tônica (acento); vogais /e/, /ɛ/ e /a/, /o/, /ɔ/ (contexto fonológico precedente); consoantes altas, lateral, alveolar e pausa (contexto fonológico seguinte); composição e sufixos especiais -mente e -zinho (posição da lateral). Com referência às mesmas variáveis, os fatores que tendem a inibir a aplicação da regra (resultados com valores abaixo de .50) são átona final (acento); vogais /i/ e /u/ (contexto fonológico precedente); consoante labial e vogais (contexto fonológico seguinte); final de vocábulo e no interior de vocábulo (posição da lateral).

2. Conforme a Teoria da Geometria dos Traços

Quanto aos aspectos tratados a partir dos pressupostos da Teoria da Geometria dos Traços, constatou-se que o processo de velarização da lateral pós-vocálica deve ser visto como a adição do nó vocálico à lateral alveolar. A esse nó está associado o PV (ponto ou zona de articulação de vogal), ao qual se liga o traço [dorsal]. Já o processo de vocalização consiste no desligamento do traço [coronal], que caracteriza [ɰ] velarizado como consoante. Com a perda desse traço, o segmento resultante fica apenas com o traço vocálico [dorsal]. Tais explicações só puderam ser alcançadas através da *Teoria Unificada dos Traços de Ponto de Articulação em Consoantes e Vogais* (Clements, 1991), que concebe um conjunto único de traços de ponto de articulação em consoantes e vogais, o que tornou possível representar a mudança de um segmento complexo (envolvendo traços de consoante e vogal) para um segmento simples (envolvendo apenas traços vocálicos).

3. Conforme a Fonologia Lexical

No que tange à posição das regras no sistema de acordo com a linha da Fonologia Lexical, inferiu-se, através da análise de pequenos conjuntos de exemplos, que a regra de velarização da lateral pós-vocálica se aplica no componente pós-lexical, após o processo de combinação de palavras, ou seja, essa regra espera pela ressilabação. Portanto, essa é uma regra pós-lexical. Por outro lado, a regra de vocalização se aplica no fim do componente lexical, isto é, antes de a palavra chegar ao componente pós-lexical e, portanto, antes da ressilabação, configurando-se como lexical pós-cíclica. Diante disso, a variação se explica por aplicação da regra em níveis lexicais diferenciados.

Em suma, concluiu-se que a variação $\text{ɰ} \sim w$ efetivamente existe e está relacionada principalmente com a variável *grupo étnico*, o que é suficiente para justificar o tratamento sociolingüístico dado à regra. Mas, através da teoria variacionista, apenas mostrou-se e descreveu-se a regra; esta só pôde ser explicada adequadamente graças à Fonologia Não-linear.